



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 05

## **Campos de batalha**

**Branca Vianna:** Tá começando mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Essa semana, a gente vai ter três histórias de briga. De batalha campal. De momentos em que tá tudo em jogo e não tem volta. Só que de ângulos bem diferentes.

Na batalha campal da Copa, não deu pro Brasil dessa vez, né?

Mas na primeira história de hoje, a gente vai se refugiar numa campanha vitoriosa do Brasil. O primeiro ato é sobre a arma secreta da seleção de 70. Uma arma secreta e um sacrifício supremo.

Na verdade, tem um sacrifício na história, e tem um sacrifício meu. Porque hoje não tem escapatória. Eu vou ter que falar de futebol.

---

### **ATO1**

**Branca Vianna:** Eu não gosto de futebol. E, assim, nada contra. Eu até tenho amigos que gostam de futebol. Eu até tenho um marido que gosta de futebol.

**João Moreira Salles:** Eu adoro futebol, né?

**Branca Vianna:** A gente achou que seria meio esquisito eu entrevistar o meu marido, então quem conversou com ele foi a Évelin Argenta, produtora sênior da Rádio Novelo.

**Évelin Argenta:** Até antes de mais nada, eu queria que você se apresentasse, assim. Se você fosse se apresentar pra uma pessoa que nunca te viu na vida, não tem referência sua. Como é que você se apresentaria pra essa pessoa?

**João Moreira Salles:** Eu sou João Moreira Salles, eu sou documentarista e sou editor da revista Piauí.

**Évelin Argenta:** E também o grande responsável pela vitória da seleção brasileira na Copa de 70, né?

**João Moreira Salles:** Pois é, eu sou o responsável pela vitória e ninguém sabe, né? Isso é um problema na minha vida, mas eu sou o responsável.

**Évelin Argenta:** Um herói anônimo da vitória.

**João Moreira Salles:** Um herói completamente anônimo, completamente. Quer dizer, anônimo não; a minha família sabe, mas o resto do mundo não sabe.

**Évelin Argenta:** Agora vai saber.

**João Moreira Salles:** Os livros não dizem. Agora vai saber. Tá na hora de registrar isso nos livros de História. Ouçam, comentaristas, como eu venci a Copa de 70.

**Branca Vianna:** Eu já ouvi essa história algumas vezes. A história de como o João ganhou a Copa do Mundo de 1970, aquela do tricampeonato, que foi disputada no México.

**João Moreira Salles:** Eu tinha oito anos de idade. O que torna o meu feito muito mais extraordinário, né, porque ganhar a Copa de 70 com 8 anos de idade não é pra qualquer um.

**Branca Vianna:** O Brasil já tinha vencido duas Copas do Mundo: a de 58 e a de 62. A de 66 acabou sendo um vexame pra seleção: eliminada ainda na primeira fase. Daí veio a Copa de 70.

**João Moreira Salles:** Aí tem que contar um pouco assim o pano de fundo dessa história, né? Quando decidiram fazer a Copa no México, ficou claro que o México era o pior lugar do mundo pra se realizar uma Copa, porque os jogos aconteciam, assim, em estádios acima de 2 mil metros de altitude, no verão. E, por causa de uma relação comercial com as TVs, alguns dos jogos seriam ao meio-dia.

**Branca Vianna:** Meio-dia, no horário local.

**João Moreira Salles:** E ao meio-dia na Cidade do México, além de ser muito alto, faz 38, 39 graus, então, assim, as condições eram terríveis; e pra isso a seleção brasileira precisava se aclimatar. E se aclimatar exigia ficar bastante tempo antes da Copa começar lá no México. E a CBD não tinha dinheiro pra bancar essa preparação.

**Branca Vianna:** CBD é a sigla pra Confederação Brasileira de Desportos, que era o antigo nome da atual CBF, a Confederação Brasileira de Futebol.

**João Moreira Salles:** Então, o João Havelange, que era o presidente da CBD na época, pediu pro meu pai organizar uma campanha de arrecadação de

recursos. E meu pai topou. Então, ele meio que estendeu o chapéu e foi de amigo em amigo, empresário em empresário pra arrecadar dinheiro pra levar a seleção pra lá e poder se preparar pra um mês antes da Copa acontecer.

**Évelin Argenta:** Desculpa, só pra explicar pras pessoas quem é o seu pai, né, a ponto do João Havelange chegar e pedir pro seu pai essa ajuda.

**João Moreira Salles:** Papai, é, papai era banqueiro.

**Branca Vianna:** Walther Moreira Salles, o fundador do Unibanco.

**João Moreira Salles:** E tinha uma certa liderança, assim, entre o empresariado brasileiro. Então ele tinha sido embaixador nos Estados Unidos, então ele tinha um certo prestígio, e o João Havelange achou que ele era uma boa pessoa para fazer essa arrecadação.

**Branca Vianna:** A arrecadação deu resultado e a seleção brasileira conseguiu fazer a tal da aclimatação no México. No total, foram uns três meses seguidos de preparação. Os dois primeiros no Rio de Janeiro, e depois quase um mês inteirinho no México, antes do início do Mundial.

**João Moreira Salles:** Então, assim pra gente, essa Copa era pessoal, né? Papai reuniu os amigos, a família, e tal, pra assistir o primeiro jogo.

**Branca Vianna:** Aquela foi a primeira Copa do Mundo com transmissão ao vivo dos jogos pela TV no Brasil.

*Arquivo Copa de 70 – Locutor: Alô, meus caríssimos telespectadores, boa noite! Passamos a apresentar a nossa transmissão direto da cidade de Guadalajara.*

**João Moreira Salles:** O primeiro jogo foi Brasil e Tchecoslováquia, com todo mundo sentado, tinha umas dez ou doze pessoas sentadas lá no apartamento. E o jogo começa e a seleção tá nervosa, a seleção não tá jogando bem. E aos 12 minutos, o centroavante deles, da Tchecoslováquia, faz 1 a 0.

*Arquivo Copa de 70 – Locutor: Ô, meu Deus do céu... Olha o gol de Petras para a Tchecoslováquia.*

**João Moreira Salles:** E não só isso, como logo em seguida eles quase fazem 2 a 0, e a seleção tá claramente muito, muito, muito nervosa, e meu pai mais nervoso ainda; e as pessoas, todas, os adultos nervosíssimos etc. e tal porque que era a primeira partida. E aos 23, 24 minutos, eu decido ir ao banheiro.

*Arquivo Copa de 70 – Locutor: É só esperar pra ver.*

**João Moreira Salles:** E eu vou ao banheiro. Enquanto eu tô no banheiro, eu ouço uma gritaria infernal vindo da sala e depois da cidade.

*Arquivo Copa de 70 – Locutor: Olha lá, olha lá, olha lá pro placar...*

**João Moreira Salles:** E eu volto correndo... aí acontece uma coisa, assim, meio estranha. É que todo mundo vem me abraçar dizendo que eu tinha dado sorte. E eu dei sorte porque, enquanto eu tava no banheiro, o Pelé sofreu uma falta, o Rivellino bateu e empatou: 1 a 1, aos 24. E todo mundo dizia que a minha ida ao banheiro tinha ajudado o time. E eu fui jogado assim, de braço em braço, me jogavam pra cima; meu pai me jogava pra cima, meu tio me agarrava, enfim. Foi uma festa danada e eu fiquei muito feliz com aquela história inteira de eu ter ajudado o time a empatar.

Aí veio o intervalo. E no intervalo, a família veio conversar comigo, uma conversa, assim, meio séria. E me disseram que, como eu tinha ajudado, e a minha ajuda tinha sido fundamental, se eu quisesse continuar a contribuir pra vitória da seleção brasileira, eu tinha que ficar no quarto. É, porque eu tava

dando uma sorte danada longe da televisão. Aí no início eu achei meio esquisito, sabe? Mas depois eu gostei porque a cada novo gol do Brasil — naquela partida já deu uns três, acho que foi 4 a 1, é, foi 4 a 1. A cada novo gol do Brasil, todo mundo vinha me agradecer, as pessoas corriam pro meu quarto e abriam a porta e eu, sentado na cama...

*Arquivo Copa de 70 – Locutor: Estão se abraçando.*

**João Moreira Salles:** ... com a perninha balançando, não chegava no chão, né? Todo mundo vinha me beijar, vinha comemorar o gol comigo.

**Branca Vianna:** Só lembrando porque já tem um tempinho que ele falou isso: o João tinha 8 anos nessa época.

**João Moreira Salles:** E aí, de uma hora pra outra, não era mais o gol do Pelé. Não era mais o gol do Jairzinho, mas era o gol do Pelé e meu. Era o gol do Jairzinho e meu, entendeu? E eu fiquei absolutamente convencido dessa história. Então, assim, o único gol que eu vi ao vivo nessa Copa do Mundo foi o gol do centroavante da Tchecoslováquia: 1 a 0. Porque o empate eu tava no banheiro e a partir dali eu não vi mais gol nenhum. E eu passei a Copa inteira no meu quarto durante os jogos, né?

**Branca Vianna:** A Copa inteira dentro do quarto. Menos no intervalo, quando ele ia pra sala, e também no fim de cada jogo, claro; quando todo mundo ia pra rua comemorar a vitória da seleção.

**João Moreira Salles:** E eu no colo, nos ombros do meu pai e tal, completamente convencido que parte daquela alegria era responsabilidade minha, entendeu? E, assim, a seleção ao longo da Copa de 70, daquela campanha, a seleção marcou 19 vezes, né? Foram 19 gols naquela Copa. E eu fui festejado, 19 vezes eu fui festejado, sabe? Eu não tava mais dando uma força pra seleção. Eu era a seleção, sabe? Eu tava lá no México, sabe, com eles.

**Branca Vianna:** Talvez agora, ouvindo esta história, você teja tendo uma reação bem parecida com a que eu tive quando o João me contou isso pela primeira vez.

**João Moreira Salles:** Quando eu conto essa história, as pessoas perguntam: 'Não, mas cê ficou traumatizado? Que maldade da sua família.'. E as pessoas achavam estranhíssimo e achavam que eu tinha sido, assim, objeto de maus tratos familiar, entendeu? E eu não entendia, eu realmente não entendia por que eu achava que... Papai, mamãe, meus tios e tal tinham me dado um baita presente, tinham me colocado na situação de herói. Eu venci a Copa do Mundo, caramba! Eu era a arma secreta da seleção brasileira. Mas aquilo era tão divertido pra mim, entendeu? Eu só tava empenhado em me concentrar pra ajudar a seleção brasileira. Então, a minha ida pro quarto era um momento, assim, de, de grande valentia da minha parte, de grande orgulho. Eu me achava o máximo. E os outros eram mortais, entendeu? E eu, não. Eu era muito mais do que um mortal. Eu era um herói. Eu era o 12º jogador, entendeu?

**Évelin Argenta:** Claro, eram os jogadores naquele túnel entrando no campo e você no corredor, entrando no seu quarto, assim, né?

**João Moreira Salles:** No quarto, exatamente. Exatamente, exatamente. E é preciso registrar que eu sou jogador mais jovem a jogar uma Copa do Mundo e a vencer uma Copa do Mundo.

**Branca Vianna:** E é claro que alguma marca isso deixou. Especialmente prum botafoguense, que talvez seja o mais supersticioso dos torcedores brasileiros.

**João Moreira Salles:** Eu sou completamente não-metafísico. Eu não tenho nenhuma metafísica. Eu sou um ateu convicto, eu não... O pensamento mágico pra mim, não. Enfim, o que não tem evidência pra mim não existe. A não ser no futebol. Em jogos do Botafogo, eu sou aquele menino de oito anos de idade, entende? A final do Campeonato Brasileiro de 95, Botafogo e Santos, eu fui até

o Pacaembu assistir o jogo, e eu assisti ele todo de costas, todo, todo... Eu fui para São Paulo e fiquei de costas na arquibancada. Por quê? Porque no jogo anterior, na hora que eu me virei de costas, o Botafogo fez 1 a 0, aqui no Maracanã. Então, é evidente que, enfim, eu não podia ficar de frente, né? Seria uma heresia ficar de frente. Então eu fui pra lá sabendo que eu assistiria o jogo inteiro de costas, e assisti de costas. E, evidentemente, não preciso te dizer que o Botafogo ganhou, né? E a gente... nós fomos campeões brasileiros.

**Évelin Argenta:** Lógico.

**Branca Vianna:** O "virar de costas" durante o jogo é só uma das superstições.

A que mais me intriga é a camisa da sorte. Só que ela não pode ser vestida, o João tem que acompanhar o jogo com ela jogada em cima do ombro.

**João Moreira Salles:** Mas, enfim, em relação a futebol, aquele quarto... é, eu sou aquele menino no quarto. Até hoje eu sou aquele menino no quarto.

**Branca Vianna:** O menino no quarto. Uma criança de 8 anos disposta a se sacrificar por um bem maior.

**João Moreira Salles:** Tem sempre alguém que se sacrifica, naquele caso fui eu porque eu dava sorte, entendeu?

**Évelin Argenta:** É porque, porque a narrativa que foi contada pra você é uma narrativa de herói, mesmo, assim, né?

**João Moreira Salles:** Claro. De herói e de mártir.

**Évelin Argenta:** É, exatamente.

**João Moreira Salles:** De herói e de mártir! Aquele que se sacrifica, entendeu? Aquele que se sacrifica pela seleção brasileira, entende?



---

**Branca Vianna:** Essa história foi produzida pela Évelin Argenta e pelo Tiago Rogero.

Agora: pra quem não usa camisa de futebol como uniforme, tem sempre aquele momento de indecisão diário: com que roupa eu vou? O que é que leva a gente a pegar uma roupa do armário, e não outra? É a foto que a gente acabou de ver no Instagram ou no Pinterest? É falta de opção? Ou, sei lá, superstição também? Às vezes, quando você tá na frente do armário, ali, indecisa, você imagina um público, né? Quem você com certeza vai encontrar, com quem você pode esbarrar por aí. Porque, querendo ou não, uma roupa sempre tá mandando um recado. E aí? Você vai no bonito? No confortável? No ousado? No seguro?

Tudo isso no dia a dia, sem maiores consequências, já é um estresse danado. Mas, no segundo ato de hoje, a gente levanta uma questão nada trivial: o que é que você veste quando cê tá indo pra guerra? Essa história é da repórter Juliana Faddul.

---

## ATO 2

**Juliana Faddul:** Na primeira vez que eu fui pra uma aldeia indígena, eu grudei numa antropóloga que tava por lá também – pra tentar sugar o máximo de dicas, de macetes, de conhecimento dela.

**Thais Mantovanelli:** É de funcionamento da cultura mebengokré.

**Juliana Faddul:** Eu grudei mesmo. Mas acho que eu consegui não ser muito inconveniente, porque a gente ficou amiga. Ela é minha amiga até hoje, e topou me dar essa entrevista aqui pro Rádio Novelo Apresenta.

**Juliana Faddul:** Mas, assim, a gente faz bem conversa de comadre, não precisa...

**Thais Mantovanelli:** Ótimo.

**Juliana Faddul:** O nome dela é Thais Mantovanelli. E um dos ensinamentos mais preciosos que ela me deu naquela primeira visita a Altamira tinha a ver com um vestidinho.

**Thais Mantovanelli:** Então, o vestidinho kayapó, ele foi apropriado pelas mulheres como uma marca da sua existência. Eles inicialmente vieram de missionárias nesse processo de contato com o mundo dos brancos, e esse esforço, né, de vestimenta.

**Juliana Faddul:** Quer dizer: a gente sabe que os vestidinhos não são originalmente da cultura kayapó.

**Thais Mantovanelli:** Eles são, assim, uma espécie de não-origem. Então "temos que vestir e cobrir os corpos das mulheres e dos homens das aldeias"... Um movimento bem questionado do ponto de vista do respeito, digamos assim, né, do modo como esses povos se relacionam com o corpo, com o que deve ser ou não mostrado, ou escondido e tal. Mas, de todo modo, elas enlouqueceram e transformaram esse vestidinho num ícone da sua beleza, da sua existência... que e elas são lindas, elas estão sempre com eles. Cria uma imagem estética de grupo.

**Juliana Faddul:** O vestidinho entrou tanto na rotina das mulheres kayapós, que elas acabaram vestindo ele pra fazer tudo, desde ir à cidade tratar de alguma burocracia até trabalhar na roça.

**Thais Mantovanelli:** É a roupa que as mulheres usam para ir para o mato e fazer qualquer coisa é o vestidinho. Às vezes jogo de futebol, elas sobem para deixar as coxas mais livres e jogam bola de vestidinho. É bem comum. Em geral, todo mundo vai treinar futebol com o vestidinho, vai para o mato com o vestidinho, vai para a roça com um vestidinho. Esse é o modo EPI, digamos, de ir pro mato, né, tipo, da mulherada mebengokré, total.

**Juliana Faddul:** Mebengokré, que a Thais acabou de falar, é a palavra indígena que reúne todos os grupos do povo kayapó. E EPI, pra quem não sabe, é Equipamento de Proteção Individual – tipo capacete pra quem trabalha com construção civil.

Mas o que a Thais queria me passar, naquela conversa, não era só uma trivia cultural. Era também uma dica pra mim. Pra eu me enturmar dentro do movimento. Entre os defensores dos direitos dos indígenas.

**Thais Mantovanelli:** É muito óbvio. Tem vestidinho kayapó, tem alguma coisa a ver com direitos humanos e proteção territorial de povos indígenas. Certeza, assim.

**Juliana Faddul:** Altamira é uma cidade muito dividida. Muito provavelmente você já deve ter ouvido falar de lá por causa de Belo Monte ou da violência que tomou conta da região nos últimos anos. Durante a construção da usina hidrelétrica, lá pelos anos 2010, a população de Altamira saltou, em poucos meses, de 100 mil habitantes pra 140 mil.

Milhares de pessoas saíram de outros estados e regiões pra trabalhar na construção do que ia ser a maior hidrelétrica 100% brasileira. E outras dezenas de milhares de pessoas vieram na esperança de surfar nessa onda e ganhar a vida.

Com a construção de Belo Monte, as palafitas viraram casas de alvenaria. A maniçoba virou feijoada e churrasco. E as bicicletas deram lugar para motos e picapes.

Então, se você tá chegando na cidade com sotaque do sul ou do sudeste, e não quer ser lido como agrobóia – que quer mais é derrubar a floresta toda e encher tudo de soja – o vestidinho kayapó é uma excelente maneira de marcar posição.

**Thais Mantovanelli:** Então tem uma questão política, que te tornar parecida com elas é um movimento político de fazer com que você ajude a fazer esse

movimento pra fora em lugares que elas não acessam, mas que elas sabem que você vai tá lá cumprindo esse papel. E o vestidinho é o ícone assim total.

**Juliana Faddul:** Naquela primeira viagem, eu tava muito corrida com outras reportagens, e não consegui comprar o meu próprio vestidinho. Mas ele não saiu da minha cabeça nesse tempo.

E, quando eu tive que ir pra Altamira de novo agora, em outubro de 2022, eu fui focada na missão.

**Juliana Faddul:** Oi, por favor, sabe onde vende aquele vestidinho indígena?

**Homem:** Leva ela lá!

**Terezinha Soares:** Bora, bora!

**Juliana Faddul:** Tá, brigada!

**Terezinha Soares:** Você quer pra você mesma, é?

**Juliana Faddul:** É.

**Terezinha Soares:** Ele é esquisito, ele.

**Juliana Faddul:** O vestidinho, cê acha?

**Juliana Faddul:** Já deu pra perceber que o vestido não é unanimidade em Altamira. E não só por questões políticas. Tem um lance estético, mesmo.

Como isso aqui é um podcast, e você não tá vendo o vestidinho, eu vou tentar descrever ele aqui. Mas, se você achar que eu falhei muito nessa missão, tem fotos no site da Rádio Novelo, tá?

Bom, o formato do vestidinho lembra os tubinhos sem manga dos anos 60 – tipo os que aquela modelo, a Twiggy, usava – só que com dois bolsos grandes na frente, que nem avental de professora de ensino infantil, sabe?

E não tem nada de preto, branco, cinza ou bege. O tecido é sempre muito estampado, com cores bem fortes. Até as costuras são bem marcadas, com fitas coloridas.

É... comparado com o que a gente tá acostumada a ver nas revistas de moda, nos insta das blogueirinhas, ou nas fashion weeks da vida, é bem possível que os fashionistas mais conservadores enquadrassem o vestidinho como infrator da Lei Maria da Moda.

Mas se a pochete, a papete e até a calça skinny têm seus defensores, por que é que o vestidinho não ia ter, né?

**Juliana Faddul:** É, eu queria ver o vestidinho.

**Josefa Soares:** Que tamanho é?

**Juliana Faddul:** Ai para mim, acho que tem que ser grande, né? Isso tudo aí é vestidinho?

**Josefa Soares:** É.

**Juliana Faddul:** Uau.

**Juliana Faddul:** O ateliê da Dona Josefa Soares, no Mercado Municipal de Altamina, tava abarrotado de vestidinhos das estampas mais variadas, e de todos os tamanhos possíveis.

**Juliana Faddul:** Ah, e tem pra criança também?

**Josefa Soares:** Tem, tem de todo tamanho. Tem pra mocinha, tem pra criança.

**Juliana Faddul:** Eu já sabia que ia sair de lá carregada.

**Juliana Faddul:** Eu vou levar esse aqui.

**Josefa Soares:** Só um?

**Juliana Faddul:** Não, eu queria levar mais...

**Juliana Faddul:** Ia levar vestidinho pra mim, pras amigas, pras minhas afilhadinhas...

**Juliana Faddul:** Posso tirar foto para mandar para as minhas amigas?

**Josefa Soares:** Pode.

**Juliana Faddul:** Mas eu também não tava ali só pra compras, né? Eu aproveitei a viagem pra conhecer a história da dona Josefa e do negócio dela.

A Dona Josefa foi parar em Altamira durante as obras da Transamazônica, pelo mesmo motivo que outras tantas pessoas foram pra lá: buscar uma oportunidade de trabalho.

**Josefa Soares:** Nasci na Palmeira dos Índios.

**Juliana Faddul:** Palmeira dos Índios, em Alagoas. Que, apesar do nome, tem menos de 3% de pessoas autodeclaradas indígenas. E a Dona Josefa não é uma delas.

**Josefa Soares:** Aí casei, aí nós fomos pra São Paulo, pra capital e ficou lá. Lá nasceu a minha filha mais velha. Aí viemos embora pro Paraná... E do Paraná, viemos pra cá.

**Juliana Faddul:** Pra cá – no caso – pro Pará. Foi no Pará que a dona Josefa realizou os três maiores feitos da vida dela: construir uma família de 11 filhos e 20 netos, conquistar, aos 82 anos, o título de comerciante mais antiga em atividade no Mercado Municipal de Altamira, e manter firme e forte o posto de principal vendedora dos famosos vestidinhos kayapó.

Todo dia, a Dona Josefa acorda cedo, toma um café com bastante açúcar, joga água nas plantinhas, faz o almoço, vai pro Mercado Municipal e costura. E costura. E costura.

**Josefa Soares:** E as menina briga, que só, meus filhos: "mãe, tá boa de parar, porque a senhora fica nesse negócio", e não sei o que... Mas eu não paro, não. Só paro o dia que não puder mais. Enquanto eu puder, não paro.

**Juliana Faddul:** Tá certo, tá com saúde, né.

**Josefa Soares:** É, porque eu gosto.

**Juliana Faddul:** A senhora gosta de costurar.

**Josefa Soares:** Eu gosto de costurar, costurar parece que passa tempo que eu nem vejo. Gosto também de gastar dinheiro.

**Juliana Faddul:** Como a Thais falou, a teoria mais comum entre os antropólogos que estudam a região do Xingu é a de que o vestidinho surgiu do encontro entre mulheres indígenas e missionárias estrangeiras.

**Juliana Faddul:** Mas, dona Josefa...

**Josefa Soares:** Esse modelo que eles gostam.

**Juliana Faddul:** Mas como é que... quem que ensinou a senhora a fazer? Porque é um modelo muito específico, né?

**Josefa Soares:** Não, eles trouxeram uma amostra.

**Juliana Faddul:** Ah! Eles trouxeram uma amostra e a senhora copiou.

**Josefa Soares:** É.

**Juliana Faddul:** E o modelito virou o "must have" da temporada. No caso, uma temporada que já tá rolando há décadas.

**Josefa Soares:** Não, tô falando que com dois dias eles compram tudinho. Um vem e leva 5, outro vem e leva dez, aí vai levando, e acabou. Aí vou fazer de novo.

**Juliana Faddul:** E a senhora faz quantos por dia, mais ou menos?

**Josefa Soares:** Não, eu não faço muito, não. Dois, três, quatro no máximo.

**Juliana Faddul:** Dois, três, quatro é bastante.

**Josefa Soares:** E se eu faço num dia, porque tem que ir para a rua, comprar e atender eles... Aí de vez em quando vem trocar.

**Juliana Faddul:** E como é que a senhora chama?

**Kokonhereti Xikrin:** Kokonhereti.

**Juliana Faddul:** Eu conheci a Kokonhereti, que é kayapó e tinha vindo pra cidade fazer compras.

**Kokonhereti Xikrin:** Eu vou comprar todas as coisas pra festa da minha neta.

**Juliana Faddul:** A Thais tinha me falado que o vestidinho é dress code universal, então eu entendi que ele era o traje de festa também. E eu, que não sou boba nem nada, já tentei cavar um convite.

**Juliana Faddul:** Agora eu quero ir nessa festa grande aí da senhora. Eu já tenho vestidinho.

**Juliana Faddul:** Mas aí a Kokonhereti me explicou que não tinha nada a ver, que vestidinho não era traje de festa.

**Juliana Faddul:** Ah, na festa não usa o vestido?

**Kokonhereti Xikrin:** Não. Dia de festa usa só peito de fora. É a cultura.

**Juliana Faddul:** Ok, entendi que vestidinho em festa é gafe de etiqueta, uma espécie de crime fashion. É tipo ir de calça jeans e camiseta num casamento. Mas pra todas as outras atividades, o vestidinho é a melhor pedida.

**Juliana Faddul:** E quantos vestidinhos a senhora tem?

**Kokonhereti Xikrin:** Só uns quatro... cinco e seis... só uns aí. Vou comprar de novo. Outro vestido bem bonito.

**Juliana Faddul:** Bem chique.

**Kokonhereti Xikrin:** É, bem chique.



**Juliana Faddul:** A Dona Josefa viu a demanda se expandir com a construção de Belo Monte. A obra – que sempre foi polêmica pelo impacto que ia ter nas reservas indígenas – só foi autorizada depois de muita negociação com os movimentos indígenas e do pagamento de indenizações.

**Josefa Soares:** Mas no tempo da barragem aqui, tinha tanto índio, tanto índio, tanto índio... Norte Energia dava dinheiro a eles, eles corriam e compravam vestido. E eu só falei ficar doida aí fazendo roupa pra eles. Tinha vezes que eu acabava de fazer um vestido e já tinha índio me esperando aí... E eu fazendo vestido.

**Juliana Faddul:** Ah, pra senhora foi bom, né?

**Dona Josefa:** Foi...

**Juliana Faddul:** E não são só as clientes indígenas que vão atrás dos vestidinhos.

**Josefa Soares:** Umás meninas de São Paulo que sempre comprava aqui para levar para São Paulo.

**Juliana Faddul:** Mas elas eram antropólogas ou eram jornalistas?

**Josefa Soares:** É que trabalhavam com eles. Elas não eram indígenas, eram gente que vinha de São Paulo para trabalhar com eles. Aí vai ver que era jornalista também, né?

**Juliana Faddul:** Ou antropólogo.

**Josefa Soares:** Eu não sei o que era. Sei que elas compravam.

**Juliana Faddul:** Elas compravam, e eu também tava ali comprando. Não só pra levar pra casa, mas também porque eu ia com uma equipe de documentaristas acompanhar um grupo de kayapós alguns dias depois – e eu queria acertar no dress code.

O que nem a Thais, nem a Kokonhereti tinham me avisado é que o jeito certo de usar o vestidinho era bem justo, bem colado no corpo. Mas assim: justo mesmo. A Dona Josefa tentou me dar esse toque.

**Josefa Soares:** Eles gostam bem que teja apertadinho, não gosta que seja muito grande, não.

**Juliana Faddul:** Ah, não, eu gosto que fique grande... porque dá movimento, né?

**Josefa Soares:** Não, lá elas gostam que fique... Tem vez que eu penso que não dá, e elas vestem empurrando. E leva.

**Juliana Faddul:** Ouvindo de novo a gravação com a Dona Josefa, eu percebi que eu fiquei mais de 20 minutos num imbróglio sem fim sobre o tamanho do vestidinho.

**Juliana Faddul:** Tá apertado no peito.

**Juliana Faddul:** Ela falava um tamanho, dois a menos do que eu tava querendo; eu falava outro tamanho, dois a mais do que ela tava tentando me empurrar.

**Josefa Soares:** Agora vê esses daí.

**Juliana Faddul:** Mas eu bati o pé prum vestido larguinho.

**Juliana Faddul:** Cê tem um maior? Deixa eu ver um maior.

**Josefa Soares:** Tem.

**Juliana Faddul:** E, como a cliente tem sempre razão, ela acabou cedendo.

**Juliana Faddul:** Então tá bom?

**Josefa Soares:** Tá.

**Juliana Faddul:** Dois dias depois, lá tava eu, num vestidinho branco e vermelho todo estampado, embrenhada no meio do mato.

E, logo de cara, eu fui recebida com uma crítica construtiva pelas kayapós: “o vestido tá largo”. Algumas mulheres foram até buscar linha e agulha pra dar uma apertada, mas não acharam. Reclamaram algo em idioma mebengokré, que não entendi, e a gente partiu pra floresta.

Beleza, tô andando pelo mato no meu vestidinho. Passa mais de uma hora, a gente tá no que pra mim parecia o meio do nada, e eu me dou conta: o gravador da Rádio Novelo não tá mais no meu bolso.

Aquele bolso da frente do vestidinho que parece de professora de educação infantil. Eu tava usando como pochete, pra levar o gravador e captar uns áudios bacanas da floresta, pra usar aqui no podcast.

É. O gravador tinha caído no meio da trilha.

Quando eu me desesperei, uma das kayapó – a mesma da crítica construtiva – mandou um “eu falei”, e disse que, como o vestidinho tava largo, ele não fazia mais parte do meu corpo. Então eu não tinha mais controle sobre o que tava nos bolsos, ou melhor, em mim.

A expressão que ela usou foi de que eu estava “dentro de um saco”. Eu nem assimilei direito essa lição na hora. E também não tenho áudio desse diálogo, porque nessa hora eu tava sem gravador. E quase chorando.

Aliás, um mea culpa: desculpa revelar desta forma que eu quase deixei o gravador da Novelo no meio da floresta Amazônica, Branca!

**Branca Vianna:** Tá desculpada, Ju.

**Juliana Faddul:** Bom, o que importa é que no fim a saga teve um final feliz e, depois de alguns momentos de tensão, confusão e quase lágrimas, a gente achou o gravador.

E, depois, já com ele em mãos, eu aproveitei pra perguntar pra Thais o porquê do vestido tão justinho.

**Thais Mantovanelli:** É, os vestidos, eles têm que, seguindo minimamente o formato do corpo, né? A palavra mebengokré para roupa é kubekó. Que é kó é casca, pele e kopen é nosso. Vestir um invólucro no seu corpo é uma casca a mais do seu corpo, que veio de fora, que veio do Kubem, que é o kubekó. Então não dá pra ele destoar muito das formas corporais que já existem. Assim, as coisas que são assimétricas, essas roupas que são muito largas, que a gente adora, elas abominam, “deixam muito punurê”, que é muito feio “é punurê de vocês”. Isso aqui não rola. É um tubinho, né? Tsc tsc tsc, bem justinho!

**Juliana Faddul:** Mas aí, nessa conversa com a Thais, ela me falou também que eu tinha escolhido um timing péssimo pra usar o vestidinho em Altamina.

Lembra, Altamina é uma cidade muito polarizada. E, vamo combinar que em outubro de 2022 no Brasil, todas as cidades tavam muito polarizadas. O tempo todo a gente ouvia falar de conflito, de briga acabando em morte por causa de política.

E o clima na Amazônia tava especialmente pesado. As mortes do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips botaram a violência da região no mapa pra muita gente. Mas essas execuções tão longe de ser só dois casos isolados da região do Vale do Javari. A realidade é muito, muito mais preocupante.

Nos últimos dez anos, segundo a ONG Global Witness, o Brasil foi o país que mais matou ativistas. Foram 342 pessoas que lutavam por direitos ambientais e fundiários. E o governo Bolsonaro só botou lenha nessa fogueira ao enfraquecer órgãos de fiscalização.

Por causa de tudo isso, na época das eleições, ONGs e instituições de proteção ambiental e direitos humanos orientaram funcionários e colaboradores a evitar qualquer símbolo que pudesse botar eles em perigo. Tipo bijuterias de miçangas, pinturas corporais... e, claro, os vestidinhos.

**Thais Mantovanelli:** Tem uma questão da violência muito associada com as eleições, com os apoiadores do Bolsonaro, e uma recusa completa a pessoas e instituições, esse discurso contra a ONG, que a gente consegue ver também

eles também conseguem ver pelas nossas vestimentas. Então tem um cuidado em todas as instituições que estão em Altamira de a gente não aparecer muito na cidade nesse período com esses "emblemas", digamos, as pulseiras de miçangas, os colares, o vestidinho kayapó, e tentar dar uma neutralidade nos nossos corpos pra gente conseguir seguir vivo nesse processo.

**Juliana Faddul:** Essa neutralidade que a Thais falou é tipo um escudo. Você tira as miçangas, os colares, o vestidinho, e isso te dá um pouco de segurança. Menos chance de morrer pelas causas que você tá tentando defender. Mas dá pra pensar que essa mesma neutralidade é uma espécie de morte em si, né?

Eu fiquei pensando nessas modas que vão e vem de roupas super largas, de cores neutras, que escondem o corpo. E em todas as vezes que eu deixei de usar uma estampa mais ousada ou uma roupa mais justa pra não ofender alguma lei da moda, pra não ser tão "cheguei", pra não chamar tanta atenção pro meu corpo. Preto, branco, cinza, bege. O vestidinho é o oposto de tudo isso.

O vestidinho é um símbolo tão poderoso, e não só por causa dessa associação com as mulheres kayapó. Mas porque, com essa combinação meio anárquica de cores, com o jeito que ele abraça o corpo... mesmo que ele não tenha sido feito pra isso, o vestidinho encarna um pouco da floresta amazônica.

Assim como o vestidinho, a própria floresta foi sendo transformada, enriquecida pelas mãos indígenas e ribeirinhas. E quando cê tá nela, a floresta não te deixa esquecer nem por um segundo que você tem um corpo.

A floresta fica colada no seu corpo. Ela não é sutil, ela se impõe. Você tá suando, pé no chão, rodeado de coisas vivas. Coisas coloridas. Combinações inesperadas de manchas e listras. Não é fácil de assimilar. Cê pode achar feia. Até assustadora numa primeira vista. Mas quando você enxerga bem, aí é que vem a beleza.

---

**Branca Vianna:** Juliana Faddul é repórter e colaboradora do Rádio Novelo Apresenta.

A gente que trabalha com jornalismo, com contação de história, sabe disso muito bem: a guerra não acaba quando os exércitos saem do campo de batalha.

Tem a guerra... e aí tem a guerra das narrativas.

E, na guerra das narrativas – assim como na batalha campal – vale tudo.

No terceiro e último ato desse episódio, o Vitor Hugo Brandalise leva a gente de volta pro campo de futebol. Dessa vez, pra realidade indigesta da Copa de 2022.

---

### **ATO 3**

**Vitor Hugo Brandalise:** Hoje o Juliano Lopes é dirigente de um partido político.

**Juliano Lopes:** Delegado nacional do Partido da Causa Operária.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas ele já foi zagueiro.

**Juliano Lopes:** Eu fui zagueiro do Taguatinga Esporte Clube, joguei com muito cara bom...

**Vitor Hugo Brandalise:** Na verdade, ele foi do juvenil do Taguatinga.

**Juliano Lopes:** o TEC, o famoso TEC, de Brasília.

**Vitor Hugo Brandalise:** O sonho dele, como o de tantos outros garotos, era ser jogador de futebol profissional. E, já naquela época, o Juliano conheceu o que ele chama de um... "sistema de recados" que existe entre os boleiros.

**Juliano Lopes:** Eu joguei com um cara que veio com uma chave de fenda no meio dele, assim, pra dar o recado. Falou: "Se você aprontar uma coisa aqui, eu..." – Ele ia me furar com a chave de fenda, era um jogo de várzea.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Juliano entendeu o recado.

**Juliano Lopes:** Aí, recado dado, eu não fiz nada. Perdemos o jogo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Em pouco tempo, ele também aprendeu a mandar os seus recados. Foi quando ele descobriu qual era o perfil dele, como atleta.

**Juliano Lopes:** Um cara mais cachorro louco. Não tão bom de bola, mas bom de recado. Eu, como zagueiro, eu fui muito um cara desses. Mas também fui muito alvo disso daí. O cara, "Pô, esse negão aqui... ele está querendo dar algum recado". Eles mandavam um cara do outro time pra me pegar.

**Vitor Hugo Brandalise:** Só que entrar pra turma "que manda recado" tem consequências. Um dia, antes de uma partida importante, o técnico do Juliano fez um pedido pra ele.

**Juliano Lopes:** Era um clássico, Taguatinga e Ceilândia. Ultraviolento, porque era uma rivalidade gigantesca. É engraçado que o meu técnico me mandou, mandou eu quebrar o atacante deles.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Juliano não é um cara pequeno, tem um metro e oitenta e três.

**Juliano Lopes:** E eu quebrei o cara mesmo. Parti ele ao meio. Mandei ele pro hospital.

**Vitor Hugo Brandalise:** Recado dado. E, minutos depois... recado recebido.

**Juliano Lopes:** Só que a recíproca é verdadeira. E o técnico deles colocou um zagueiro no ataque pra me pegar. E o cara me pegou. E fomos os dois pro hospital. E aí nunca mais. Aí não teve jeito, não tinha como pagar a cirurgia...

**Vitor Hugo Brandalise:** O Juliano tinha 16 anos.

**Juliano Lopes:**... eu rompi o ligamento do joelho, e aí o meu futuro futebolístico acabou aí, nessa partida. Por conta desse lance, inclusive, que eu lembro muito bem.

**Vitor Hugo Brandalise:** Dá pra imaginar que, depois de passar por isso, o Juliano ia largar mão desse "sistema de recados". Que ele ia se revoltar contra isso – ou pelo menos discordar desse ciclo violento. Mas não foi o caso.

**Juliano Lopes:** Eu entendo que o futebol, ele tem umas coisas da vida social – ele tem mesmo, efetivamente, da vida política de conjunto. Então, em algum momento, em alguma altura, nós precisamos, na política também, ter gente que consiga enxergar ali e dar um recado. Você entendeu?

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu entendi o que ele tá dizendo. Mas menos pela lógica da coisa, e mais porque eu já conhecia um pouco do jeito de pensar do Juliano pelos textos que ele passou a escrever anos mais tarde.

O Juliano fez essa conexão direta do futebol com a vida política porque, depois que a carreira dele no esporte degingolou, ele teve que encontrar alguma outra coisa pra fazer.

Só que tinha que ter futebol no meio.

**Juliano Lopes:** E a questão do futebol é uma questão para mim, de meio que de vida ou morte, a questão do futebol.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas tinha outra coisa que também era questão de vida ou morte pra ele: a política. E o Juliano sempre se viu como um cara de esquerda, da classe trabalhadora. Aí um dia, bem no meio de uma Copa do Mundo, o Juliano trombou com uma aglomeração na Esplanada dos Ministérios... e foi um daqueles momentos, assim, em que tudo se ilumina.

**Juliano Lopes:** Em 2006, o partido organizou a sua militância para assistir os jogos da seleção brasileira juntos, e torcer pela seleção brasileira. Eu falei: "Nossa, um partido comunista trotskista revolucionário torcendo pra seleção?"



Não é possível isso daqui, tem alguma coisa errada". Porque a ideia da esquerda sobre o tema é o exato oposto do que nós do PCO pensamos a respeito do futebol.

**Vitor Hugo Brandalise:** O que o PCO pensa do futebol. O PCO, o Partido da Causa Operária. Uma sigla nanica que defende a revolução dos trabalhadores e a estatização do sistema bancário... e o futebol. Isso fez um clique gigante na cabeça do Juliano.

Aliás: muito do que o PCO pensa sobre o futebol a gente sabe por causa do Juliano. Porque ele tem uma coluna sobre futebol no Diário da Causa Operária, um jornal online do PCO.

Vou ler aqui um trechinho de uma coluna dele, pra você ter uma ideia do que eu tô falando. Abre aspas: *"A versão da esquerda bem pensante de que o futebol é o ópio do povo, de que o jogador brasileiro é atrasado, é uma posição de total desprezo sobre o meio como se expressa a população pobre. Ao adotar essa política, uma política errada e direitista, a esquerda se entronca com o imperialismo, com as posições da direita e, pior, com as posições da direita imperialista"*. Fecha aspas.

As colunas do Juliano apareceram bastante já na Copa de 2018 – quando alguns posts do Diário da Causa Operária chegaram a viralizar na internet. O primeiro que me chamou a atenção foi assim: *"Começa a Copa do Mundo, campanha do Imperialismo contra a Rússia fracassa"*.

Esquisito. Na época eu lembro da tônica, na cobertura progressista, ser de crítica à violência política aos opositores na Rússia, aos limites à liberdade de expressão, ao governo que persegue – entre tantos grupos – os homossexuais.

Mas ok, prum partido que hoje se diz trotskista, até fazia algum sentido fazer alguma cobertura elogiosa à Copa na Rússia.

Mas nessa Copa agora, no Qatar, não foi diferente. E o inimigo continuou o mesmo. Um texto que o Diário publicou um pouco antes de a Copa começar já deu a letra no

título: *“Oprimidos x Imperialismo: Futebol brasileiro é uma conquista contra a colonização europeia”*.

E eu passei a reparar que a cobertura do PCO defende sempre – incondicionalmente – o futebol brasileiro. Na vitória ou na derrota. E de um jeito tão elogioso que chega a soar lúdico. Vou ler aqui mais um trechinho, abre aspas: *“A convocação de Tite é a mais perfeita que poderia haver”*. Esse texto é do Juliano, no dia do anúncio dos convocados.

E não dá pra passar batido pela escolha de palavras que ele fez pra falar do time *“perfeito”* que o Tite tinha convocado. O goleiro era o *“pega-tudo”*. Os marcadores eram os *“passa-nada”*. Os meio-campistas eram *“open bar de habilidade”*. E, os atacantes, *“os broca sem fim”*.

Não importa se a seleção acabou eliminada. Mesmo depois da derrota contra a Croácia, o PCO seguiu firme na defesa do nosso futebol. *“Obrigado, rapazes, vocês são um orgulho para o Brasil”*. Essa foi a manchete do Diário da Causa Operária depois da eliminação. Vou ler um trechinho do texto: *“Apesar da derrota, campanha da Seleção foi magnífica e mostrou que o Brasil é o melhor do mundo quando o assunto é futebol.”*

Pra quem enxerga o mundo como o PCO, não é porque a seleção foi derrotada que ela vai perder o encanto. Afinal, como o Juliano tinha escrito no começo da Copa, abre aspas: *“O mundo inteiro abraça a Seleção Brasileira nas Copas do Mundo. Em especial, os amantes do futebol arte e os povos oprimidos em geral”*. Fecha aspas.

**Juliano Lopes:** O futebol, para o povo brasileiro em especial, ele tem uma importância que não é igual ao futebol para outras populações e sequer para outros esportes para outras populações. Aqui no Brasil ele ganhou um aspecto popular gigantesco e muito sólido, de cima a baixo da população, entre todos os níveis sociais, etcétera e tal. Especialmente na camada mais pobre, trabalhadora. O futebol brasileiro é nossa arma, é o único lugar, único, o único lugar que a gente consegue derrotar os poderosos, Estados Unidos,

Itália, Portugal, ingleses... Enfim, a gente consegue derrotar todo mundo nesse esporte, é um negócio incrível.

**Vitor Hugo Brandalise:** O futebol brasileiro é "tão incrível" que, pro Juliano e pro PCO, as "forças do imperialismo" não podiam deixar barato.

**Juliano Lopes:** Bom, por que é que o imperialismo quer pôr abaixo o futebol?  
"Nossa, o imperialismo quer pôr abaixo o futebol brasileiro". Mas é justamente isso que está em andamento.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pro Juliano, tem uma razão imperialista por trás dos salários milionários que os mega clubes oferecem pros jogadores.

**Juliano Lopes:** Tivemos craques aqui no Brasil, verdadeiros gênios que não chegaram a ganhar 1% do que ganha um jogador mediano europeu hoje em dia, negócios muito, muito fora do padrão.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Real Madrid, o Paris Saint-Germain, o Bayern de Munique... eles tariam todos a serviço do capital, e contra o desenvolvimento dos países periféricos.

**Juliano Lopes:** É uma luta política no sentido de que esse patrimônio, esse patrimônio nosso, o patrimônio "futebol brasileiro", ele não pode servir como uma arma, como uma possibilidade de luta ou mesmo de satisfação ou alegria do povo brasileiro. Eles fazem isso com todo país que eles pisam em cima: eles acabam com o patrimônio cultural, eles acabam com aquilo que a população gosta, acabam com o patrimônio nacional, seja esporte, seja patrimônio físico, seja recursos naturais.

**Vitor Hugo Brandalise:** E não é que o Juliano tá dizendo que essa destruição é maldade pura, crueldade dos países malvados. É estratégia.

**Juliano Lopes:** É uma prática típica do imperialismo de guerra, como a gente tem visto ao longo da história. E o futebol nunca ficou fora dessa. Eles abriram o olho pra esse problema e, desde, sei lá, de final dos 80 e começo dos 90, o

imperialismo “arregaçou as mangas” para investir aí e pegar pra si os recursos desse que é uma fonte – aqui no Brasil – uma fonte inesgotável de “pé-de-obra” de jogadores que agora não conseguem nem chegar aos 16 anos e já saem do Brasil. Quer dizer, eles estão só tão somente tirando todo o recurso que deveria ficar no Brasil.

**Vitor Hugo Brandalise:** Evasão de recursos. Na ciência se fala em “fuga de cérebros”. No futebol, acho que a gente pode falar em “fuga de pés” – ou de “pé-de-obra”, como disse o Juliano. Mas não pára por aí.

Pro Juliano, outra motivação pra ação predatória dos países imperialistas seria o potencial de mobilização do futebol brasileiro.

**Vitor Hugo Brandalise:** Como expressão popular, o futebol é capaz de organizar verdadeiras manifestações populares grandes. É um evento, politicamente falando, perigoso. Se você reúne 100 mil pessoas em torno de um esporte, dali, se tiver algum problema social, como já aconteceu, se tiver um problema político, se a população tiver revoltada com alguma coisa, ele pode servir, ao contrário do que pensa a esquerda, não como ópio, entre aspas, mas como fator de canalização de manifestação, organização e mobilização popular.

**Vitor Hugo Brandalise:** Até aí, mesmo não concordando 100%, eu consigo seguir a lógica do Juliano. O futebol tem, sim, um imenso potencial de mobilização popular – o Sócrates e a Democracia Corinthiana que o digam.

E – apesar de ler com uma pitada de exagero a motivação imperialista – faz sentido pra mim que os países ricos queiram roubar mesmo o nosso banco de talentos.

Mas tem um talento brasileiro que o Juliano defende com uma atenção especial nas colunas dele... e que me faz pôr em xeque toda essa linha de raciocínio.

**Juliano Lopes:** O Neymar, para mim, irretocável. É um monstro.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Neymar, que coleciona desavenças com técnicos e companheiros desde que ele apareceu, em 2010. O Neymar, que tá devendo 40 milhões de reais pra Receita Federal, por sonegar o pagamento de impostos. O Neymar, que promoveu festinhas pra 500 pessoas no pico da pandemia. O Neymar, o menino Ney, que agora na Copa dividiu tanto as opiniões, que tinha gente torcendo por ele... e gente torcendo pra ele se machucar.

Aliás, não sei pra você, mas pra mim essa Copa vai ficar marcada como a Copa em que muita gente tava torcendo contra a seleção. Seja pela camisa amarela, seja pelos sentimentos pouco nobres que o Neymar provoca em parte da torcida.

Mas, nessa guerra de torcidas ganhando ou perdendo no final, o PCO é time Ney. Porque, pra eles, do outro lado quem tá é o imperialismo. Vou ler um trechinho aqui de uma coluna do Juliano. Abre aspas: *“O imperialismo nunca se contentou em deixar o Brasil neste posto, de melhor do mundo, de celeiro dos melhores jogadores, pois pretende que tudo isso seja, também, como todo resto, dos poderosos capitalistas. Por isso a campanha contra Neymar, contra a seleção, contra o futebol brasileiro.”* Fecha aspas.

Ok, é a mesma tese. Mas por que personificar essa tese no Neymar? Eu passei essa bola, com açúcar, pro Juliano.

**Vitor Hugo Brandalise:** Por que é que vocês defendem o Neymar? Você e vocês PCO defendem o Neymar. Por que é que ele é alvo do imperialismo?

**Juliano Lopes:** Até as gírias do futebol, elas acabam se tornando populares. Essa pergunta... Seria uma pergunta que... levantou para eu chutar, né. Para mim, efetivamente, ele representa, e aí eu acho que entra a importância do Neymar, o futebol brasileiro de conjunto, que é o futebol arte, que é o futebol genial, que é o futebol do drible, que é o futebol de verdade.

**Vitor Hugo Brandalise:** Segundo o Juliano, o Neymar é a principal arma que nós temos – que o futebol brasileiro tem – pra superar um adversário que é velho conhecido nosso: a truculência. Truculência imperialista, como o PCO chamaria.

**Juliano Lopes:** Mas, enfim, diante dessas marcações violentas, o brasileiro foi obrigado a sambar, vamos dizer assim. A driblar a violência do oponente. Nesse sentido, é genial. Então, o Neymar, nesse sentido, ele guarda ainda consigo toda essa genialidade. É isso que eu acho legal. Diante de uma dificuldade colocada à frente dele, com pouco tempo pra pensar, ele foi lá e resolveu. Isso que eu acho foda do Futebol Arte, do futebol gênio, que é da vida do trabalhador também. Aparece um problema, tem pouco tempo pra resolver e o cara vai lá e resolve. Eu acho foda. E o Neymar nesse sentido, ele tem vários lances.

*Arquivo – Locutor: Pintou o Juan, botou o pé, travou e tomou. Juan com Neymar. Neymar no meio. Bolatti foi o driblado. Neymar escapou. Fintou mais um. Na área. Vai fazer um golaço. Bateu. Vai entrando. É gol! É gol! É gol! É gol! É gol! Sensacional!*

**Vitor Hugo Brandalise:** Contra a força bruta, a finta – uma saída muito mais legal do que a caixa de ferramentas, do que a chave de fenda no meio.

Na visão de mundo do PCO, é por isso que o Neymar vem sofrendo tantos “ataques”, entre aspas. Ou, uma “campanha ideológica policialesca”, como escreveu o Juliano.

E eles vão mais longe. Nesse fogo contra o Neymar, pro Juliano, tem outro componente importante: o racismo.

**Juliano Lopes:** Eu tenho para mim que é o seguinte: "Esse negrão aí, ele não pode..." nunca gostaram desse tipo de gente, que é assim: "O cara que veio lá dessas favelas aí, caindo aos pedaços e conseguiu ter uma série de coisas que a classe média não tem, não conseguiu ter". Então ele é malvisto, ele é um intruso nesse meio. Eu entendo dessa maneira. E como intruso, e por ser negro de origem muito humilde, é maltratado. O que chama a atenção é que a esquerda se some nesse distrato contra o Neymar, contra outros jogadores de origem pobre, popular, né. "Cê não pode desejar isso daí, cê não pode querer isso daí". Para o futebol, que, cá entre nós, é um dos únicos meios de ascensão

social minimamente, remotamente possível para camadas gigantescas da população.

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa linha de raciocínio do Juliano até podia fazer algum sentido pra mim se a gente não tivesse falando do Neymar.

Uma das acusações contra ele de que mais se fala – e que virou até motivo de piada e de meme – é a sonegação de impostos. Mas a argumentação do PCO pra defender o Neymar dessa eu já conhecia, de uma coluna. Vou ler um trechinho, abre aspas:

*“Interessante notar que os maiores assaltantes e sonegadores do mundo, os imperialistas, sacam das mangas as cartas nas horas certas. Essa, sem sombra de dúvida, é para tirar Neymar da Copa.”* Fecha aspas.

Mas eu quis saber do Juliano como batia nele as questões mais delicadas envolvendo o menino Ney.

O Neymar foi acusado duas vezes de estupro e assédio sexual. Primeiro, em 2019, pela modelo Nájila Trindade. Dois anos depois, por uma funcionária da Nike. Só que, pro Juliano e pro PCO, tudo faz parte de uma campanha midiática contra o jogador.

A imprensa brasileira, pra eles, é uma "porta-voz dos interesses imperialistas".

**Juliano Lopes:** O problema é o seguinte: em primeiro lugar, nós que somos da esquerda, nós precisamos ter uma posição democrática com relação a qualquer acusado de qualquer crime. Nós não somos aqui um grupo de linchadores da zona sul carioca de academia, cê entendeu, que o cara apontou o dedo, você vai lá e prende, amarra o cara num poste. Nós não somos esses nazistas malucos, da idade média, que alguém gritou "Bruxa!", você vai lá e toca fogo na pessoa. Uma pessoa acusada de crime, e aí pode ser eu, você, pode ser o Neymar, ela tem que responder por aquele crime nos limites da lei, tão somente. Não existe mais nada. Então, em primeiro lugar, uma pessoa acusada, como o caso do Neymar, de um crime de estupro, bom, vamos averiguar, vamos ver as provas, vamos investigar, etc, etc. Se eu faço isso agora contra o Neymar... "Ah, estuprador, esse aí é mesmo. Eu não sei, eu não li processo, mas

ele é estuprador, sim, com certeza". Amanhã bate aqui na porta, fala que eu sou, eu sou... Eu fiz ou deixei de fazer alguma coisa, sem ser ouvido de nada, posso ir preso, como já aconteceu. A ditadura militar teve aí até ontem, e foi assim o tempo todo.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Juliano tem um ponto importante no que diz respeito ao direito de defesa. Mas a gente sabe também da dificuldade que as mulheres enfrentam pra denunciar e pra provar crimes sexuais. Principalmente quando o ofensor é uma pessoa conhecida.

A primeira acusação contra o Neymar, da modelo Nájila, acabou arquivada por falta de provas. O segundo, o da funcionária da Nike, ainda tá correndo.

Eu tava chegando ao fim da conversa com o Juliano com a sensação de que, nesse jeito dicotômico dele de ver o mundo, ele sempre vai ter argumento pra tudo. Parece que, nesse campo de batalha, o importante é ter as armas sempre bem afiadas.

Mas eu guardei pro final uma pergunta que não saía da minha cabeça desde que eu comecei a ler as defesas apaixonadas que ele faz do Neymar: e o apoio ao Bolsonaro?

Porque a gente tá falando aqui de um partido político. Da defesa que um partido político de extrema esquerda tá fazendo de um cabo eleitoral de um candidato da outra ponta do espectro político: da extrema direita. Porque o Neymar chegou a pedir voto pro Bolsonaro.

***Neymar:** O que me motivou de expor a minha opinião são os valores que o presidente carrega que são bem parecidos comigo, com minha família, com tudo que a gente preza, né? E, claro, puxando o link da Copa do Mundo, a Copa tá pertinho, então seria tudo maravilhoso, Bolsonaro reeleito, Brasil campeão e todo mundo feliz.*

**Vitor Hugo Brandalise:** É, o Neymar não emplacou nenhuma – nem nas eleições, nem na Copa do Mundo. Não foi o ano dele.



Mas e agora? Como é que o PCO lê esse apoio do ídolo deles pro candidato da extrema-direita, numa eleição em que o Bolsonaro representou um risco real pra democracia brasileira?

Eu toquei essa bola — já não tão açucarada — pro Juliano. Mas é claro que ele tinha uma defesa prontinha.

**Juliano Lopes:** Ele não é deputado federal. Se é que alguém pensou que ele fosse, ele não é. Ele é um jogador de futebol.

**Vitor Hugo Brandalise:** Quer dizer: na visão do Juliano, o negócio é separar o autor da obra. E ele vai além. Pra ele, tem uma responsável pela posição pouco democrática do Neymar: a esquerda.

**Juliano Lopes:** ... e a esquerda abandonou esse campo de luta política. É difícil que ele tenha pra si, puxe pra si uma responsabilidade que deveria ser da esquerda. Se você quer ver um jogador de futebol politizado, se você quer ver um time ou algum esportista mais politizado, você precisaria, como organização de esquerda, ou como militante de esquerda, intervir aí. Precisaria que a esquerda interviesse nos jogos de várzea, nos campos de futebol, a esquerda tivesse um papel fundamental nas torcidas organizadas, com panfleto, tivesse torcida própria, tivesse todo um aparato de manifestação que a gente costuma ter para outros assuntos quando se trata de greves, de salário mínimo ou política geral, mas pro futebol também. Aí eu acho assim: nós temos que aliviar um pouco o Neymar. Não tem jeito. É impossível não fazer isso daí. Nós temos que diminuir o fogo contra ele. Nós podemos ter um monte de crítica com relação ao que ele falou, e podemos ter mesmo. Mas o fato é o seguinte: a artilharia aqui ela deve ser voltada contra os verdadeiros inimigos da luta operária e contra aqueles que, se não são inimigos, estão ajudando o problema.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ok, esse argumento me sensibilizou. Realmente, falta trabalho de base na esquerda. Mas não é paternalismo, não é condescendência tirar do Neymar o poder de ter, ele mesmo, a orientação política dele?

Mas não. Pro PCO, o Neymar, mesmo sem ter consciência disso, é revolucionário. Pro PCO, o Neymar não precisa saber que ele é revolucionário pra ser revolucionário.

**Juliano Lopes:** Nesse sentido, o Neymar cumpre essa função. É uma função que ele cumpre, para nós. Duvido que ele esteja consciente desse aspecto de uma maneira tão aprofundada. Mas ninguém está consciente de fato, do que você está fazendo de fato na vida. A vida é assim. Então, pra nós, ele cumpra esse papel de importância fundamental da continuidade da luta em defesa do futebol contra, contra todos os ataques feito ao povo de conjunto e às suas aspirações, aos seus gostos e ao patrimônio que é o futebol.

**Vitor Hugo Brandalise:** Taí um recado que bem que podia chegar pro menino Ney.

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por acompanhar a gente em mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Lembrando que o nosso site novo tá caprichadíssimo, e lá você encontra material extra sobre todas as histórias – inclusive fotos do vestidinho kayapó, que a Ju Faddul fez em Altamira.

Na descrição do episódio, tem um link pra assinar nossa newsletter, que vem sempre te avisar em primeira mão sobre o episódio da semana, com uma dica cultural escolhida a dedo pela nossa equipe.

E não esquece de seguir o Rádio Novelo Apresenta no seu aplicativo de podcasts preferido.

Agora, se você quiser falar com a gente – comentar sobre o episódio, mandar história, sugestão, qualquer coisa – pode mandar e-mail pro [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br), ou marcar a gente nas redes sociais, @radionovelo.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de estratégia é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Angenta. Os produtores da nossa equipe são Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio e pela Marcella Ramos.

Neste episódio, a gente usou músicas do Pedro Nego e do Kiko Dinucci, compostas especialmente para o Rádio Novelo Apresenta, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

A promoção e distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos. O Eduardo Wolff faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até semana que vem.